

Meios-fonte nas páginas de internacional de *O Estado de S. Paulo*

Angela Zamin

Resumo: Na produção jornalística, a objetivação de cada acontecimento envolve um conflito de perspectivas entre jornalistas e fontes pela definição do presente que nos cerca. Esses combates se estabelecem no discursivo, em meio a controles e pressões sociais *peelo que dizer e como dizer*, sendo conformados no interior de uma rede informativa estabelecida a partir de prioridades sobre as quais se concentram os esforços informativos de cada meio. Este artigo aborda o uso de outros meios (jornais, rádios, TVs) pelo jornal *O Estado de S. Paulo* como fontes na significação da crise diplomática entre Colômbia e Equador, no período de março de 2008 a agosto de 2009. Orienta-se por um debate acerca das implicações do emprego de meios-fonte na produção jornalística que versa sobre ocorrências internacionais. Para a análise serve de base um *corpus* de 307 peças da editoria de Internacional.

Palavras-chave: jornalismo; fontes; rede informativa

Abstract: Means-source on the international pages of *O Estado de S. Paulo*. On journalistic production, the objectivation of each event involves a conflict of perspectives between journalists and sources through the present definition that surrounds us. These combats are established in the discursive level, among social controls and pressures for *what to say and how to say it*, being conformed within an information network built up from priorities on which informational efforts in each media are focused. This article approaches the use of other medias (newspapers, radio and TV stations) by the newspaper *O Estado de S. Paulo* as sources for the signification of the diplomatic crisis between Colombia and Ecuador, in the period from March 2008 to August 2009. The article is guided by a debate on the implications of the means-source used by the journalistic production about international occurrences. For the analysis the *corpus* is based on 307 pieces of the International section.

Keywords: journalism; sources, information network

A atualidade jornalística é produzida a partir de dois agentes sociais. O primeiro, o jornalista, que domina um conjunto de procedimentos que possibilitam ao jornalismo ser como aparenta ser. O segundo, as fontes¹ ou fornecedores de informação, que funcionam

1 - "Há um sem-número de classificações de fontes jornalísticas e três grandes atributos para que se cristalice em conceito jornalístico: autoridade, produtividade e credibilidade. Estes atributos estão diretamente vinculados aos processos jornalísticos, ao tempo de produção do jornalismo e ao enquadramento dos acontecimentos que este possibilita no interior do qual reconhece e naturaliza certas pessoas e os discursos dominantes de uma época" (BERGER; MAROCCO, 2009, p. 143).

como auxiliares no relato, sem, contudo, deixar de insinuar posições, relações e interesses. Ao tomar parte *no* e *do* discurso do outro, o jornalismo, por sua natureza de mediação (GOMIS, 1987, 1991), enreda uma trama de dizeres possíveis, uma vez que se constitui como lugar de proposição de sentidos. Ao mesmo tempo em que se nutre de discursos outros, o jornalismo visa a um controle e ordenamento destes, sob condições de produção específicas que ensejam modos de perceber e apreender os acontecimentos no mundo. Em parte, é aí que reside a complexa relação entre jornalistas e fontes (BOURDIEU, 1997; SANTOS, 1997, 2006). Segundo Marocco e Berger (2008, p. 3), “há diferentes modalidades de fonte jornalística instituídas pelo saber jornalístico como expressão de um contrato que transfere ao jornalista ausente a autoridade de quem esteve presente, viu ou ouviu alguém falar”.

O texto que se segue analisa a editoria de Internacional de *O Estado de S. Paulo* ao significar a crise diplomática entre Colômbia e Equador, desencadeada em 1º de março de 2008, quando o exército colombiano violou a fronteira equatoriana para atacar um comando das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc)², e identifica o emprego do conteúdo de outros meios (jornais, rádios, TVs) como fontes neste processo. Tal acontecimento é sinalizado no texto como 1M. Para tanto, orienta-se por um debate acerca das relações entre jornalistas e fontes e das implicações da apropriação das abordagens de uma mídia por outra na produção jornalística que versa sobre ocorrências internacionais. Trata-se de um recorte na investigação de doutoramento, em processo, aqui com vistas a discutir a relação entre jornalistas, fontes e jornais a partir de um *corpus* de 307 peças informativas da editoria de Internacional³ do *Estadão*, recolhidas entre março de 2008 e agosto de 2009.

Jornalistas-fontes-jornais

Jornalistas e fontes⁴ buscam atribuir significados aos fatos, o que envolve negociações entre estes agentes (SANTOS, 1997). Desta forma, tanto as parcelas de informação selecionadas quanto os quadros de sentido produzidos são o resultado de um conflito de perspectivas pela definição do presente que nos cerca. Segundo Ericson et al (1987), os significados são atribuídos para além do contexto em que o fato é produzido e são sempre, e inevitavelmente, uma questão de interpretação.

Na produção jornalística a objetivação de cada acontecimento envolve um processo conflituoso, o de sua significação. Para Borrat (1989), assim como cada fonte possui uma percepção do acontecimento, entre outras possíveis, os jornalistas são produtores de uma atualidade jornalística a partir dos eventos que selecionam, entre inúmeros outros, e dos

2 - A ação nomeada de *Operación Fénix* foi realizada com o objetivo de dismantelar o Posto de Comando de Raúl Reyes, o número 2 do Secretariado das Farc.

3 - Em 62 recortes informativos aparecem marcas que explicam as operações de *O Estado de S. Paulo* (disse ao *Estado*; ouvido pelo *Estado*; a reportagem do *Estado*; o *Estado* teve acesso; a informação foi dada ao *Estado*), sendo o nome do jornal grafado em bold. Já em 72 recortes textuais outro meio de comunicação figura como origem da informação trazida pelo *Estadão*. É sobre este segundo conjunto que o presente artigo se detém.

4 - Uma forma de tratar da relação entre jornalistas e fontes consiste em tipificá-las e classificá-las (BAHIA, 2009; BORRAT, 1989; ERBOLATO, 2001; LAGE, 2009; MEDINA, 2003). Outra maneira é observar aspectos referidos em códigos deontológicos e manuais, como graus de confiabilidade e processos de apuração.

sentidos que lhes atribuem, além das fontes que acessam no processo de sua apuração. “Como el periódico, la fuente de información opera sobre la realidad mediante una serie de inclusiones, exclusiones y jerarquizaciones de los datos que extrae de ella” (BORRAT, p. 56).

Se, por um lado, as fontes estão implicadas, têm interesses na divulgação ou não de informações, por outro, o jornalista se movimenta na busca de obter delas mais do que desejam revelar (ROSA, 2006). Nesta disputa por pontos de vista, Ericson et al (1987) definem a ação das fontes como um processo de controle social sobre a significação das notícias.

As trocas complexas que conformam a relação entre jornalistas e fontes são processadas no interior do sistema social e, portanto, não sem pressões do mercado e da empresa jornalística e afetações de outros campos sociais e do próprio campo (BOURDIEU, 1997). Os fornecedores de informação integram a rede informativa (TUCHMAN, 1983; FISHMAN, 1983) estabelecida a partir de prioridades sobre as quais se concentram os esforços informativos de cada jornal. A rede informativa incorpora interesses dos leitores e da organização jornalística, possibilidades financeiras desta e a distribuição dos repórteres e correspondentes a partir dos elementos anteriores, voltando-se para ocorrências em lugares, organizações e tópicos específicos.

Jornais de referência também integram essa rede informativa, uma vez que, por suas características⁵, são imprescindíveis para os outros meios de comunicação e servem externamente de referência sobre a realidade do país. Isto porque, como parte instrumental do trabalho jornalístico, é preciso “saber o que os outros disseram” (BOURDIEU, 1997, p. 32). O teórico francês, em sua análise do jornalismo como campo de autonomia incompleta, critica esse movimento da produção para a produção, no interior do sistema comunicacional, por favorecer a uniformidade do que é ofertado: dos temas, dos convidados, do que não se pode deixar de abordar.

No inverso da qualidade informativa é que Eco identifica tal fenômeno, que define como “cada vez mais a imprensa fala da própria imprensa”. O autor alerta que “cada vez é mais frequente o desmentido de quem diz que não deu nenhuma declaração ao jornal A, seguido da resposta do jornalista que sustenta ter lido a afirmação em uma entrevista do jornal B, sem se preocupar se o jornal B tirou a notícia indiretamente do jornal C” (ECO, 1998, p.78).

Para além de uma possível comparação entre os relatos ofertados – que, segundo Bourdieu (1997), acaba por torná-los homogêneos –, “saber o que os outros disseram” auxilia na obtenção ou verificação de dados e na identificação de novas fontes. Borratt (1989) corrobora esta perspectiva ao afirmar que os meios orientam suas atuações, públicas ou não,

5 - Empregadas como sinônimos, as expressões “de referência”, “de elite” ou “de qualidade” não se referem à tiragem e à circulação exclusivamente, mas aos jornais de orientação internacional, sérios, reflexivos e cosmopolitas que possibilitam a expressão de grandes líderes políticos, de instituições sociais e intelectuais e são consumidos por uma elite formadora de opinião, nem sempre ligada ao governo (VIDAL BENEYTO, 1986; MERRIL, 1991; MOLINA, 2007).

um a partir do outro. Para além desta orientação, Borrat (1989) identifica a ocorrência de uma apropriação do conteúdo de um meio por outro, sinalizada no interior do texto jornalístico. Nestes casos, designa de meios-fonte as mídias indicadas por outras como origem de uma informação⁶.

Por esta perspectiva, a produção jornalística é conformada a partir das relações entre jornalistas e fontes e outros meios, posto que “una parte considerable de la información [...] procede de sus pares y de los otros medios de comunicación masiva del propio país y del extranjero” (BORRAT, 1989, p. 67). Nesse sentido, para cobrir a geografia dos fatos noticiáveis, o jornalismo constitui um mapa que articula a compreensão do mundo. “Essa pequena geopolítica da imagem internacional faz parte de outra, muito maior [...]. É a geopolítica da mídia (ou lógica social da mídia)” (STEINBERGER, 2005, p. 212).

No jornalismo internacional, a geografia dos fatos noticiáveis amplia-se ainda mais, uma vez que requer a incorporação de fontes governamentais, instituições públicas e privadas, especialistas e lideranças, entre outros agentes, identificados a partir de meios de comunicação de outros países. Na avaliação de Borrat (1989), em certa medida a rede informativa é um indicativo da política exterior e do mapa de interesses que a configura. Assim, a escolha de meios-fonte é orientada pela necessidade de se informar conjugada a um alinhamento editorial.

Na cobertura de *O Estado de S. Paulo* da crise diplomática entre Colômbia e Equador identificam-se conteúdos oriundos de outros meios de comunicação indicados no interior dos textos (Segundo a revista; Matéria publicada pelo jornal; Segundo a reportagem; Afirmou em entrevista ao jornal). Segundo Borrat (1989, p. 68), o pertencimento do meio citado ao cenário da informação correspondente é um dos fatores de escolha de um meio-fonte.

Entre as fontes, outros meios

Apesar de a crise versar inicialmente sobre a Colômbia e o Equador – posto que ao longo de 18 meses acontecimentos e relatos outros acabam por atualizar o 1M, incorporando novos personagens, como os governos do Brasil, Venezuela, Nicarágua, França e Estados Unidos – é sobre a produção da imprensa colombiana que se voltará, prioritariamente, a atenção de *O Estado de S. Paulo*. Em 72 recortes textuais que apresentam um meio de comunicação como fonte, 46 deles se referem a meios colombianos, preferencialmente impressos. Em contrapartida, nenhum impresso⁷ equatoriano figura nos relatos produzidos pelo jornal

6 - Contemporaneamente, na esteira dos estudos de mediatização, emprega-se o termo correferencialidade para tratar do uso da produção de um meio por outro. A correferência “diz respeito a uma mudança no estatuto das fontes, que passam a se localizar no sistema, e não no ambiente em que ele se encontra” (SOSTER, 2009, p. 9).

7 - *El Comercio, Hoy, El Universo e Expreso* “son los diarios de mayor influencia en las dos ciudades más importantes del país, Quito y Guayaquil” (CHECA MONTÚFAR, 2008, p. 13). O Equador possui um importante jornal diário estatal, *El Telégrafo*, além da revista *Viztazo*.

brasileiro; apenas a emissora de televisão *Canal Uno TV* aparece entre os meios-fonte empregados pelo *Estadão* para tratar do conflito 1M.

Colômbia e Equador não compartilham com o Brasil um idioma ou afinidades culturais e históricas – antes os primeiros tomam parte em um diálogo andino, enquanto o Brasil uma identificação platina⁸ – e, portanto, a escolha pelo *Estadão* de meios-fonte colombianos não se justifica por tais perspectivas. *O Estado de S. Paulo* oferece alguns elementos para tal compreensão quando atribui juízo de valor à escolha das fontes: “diz Rafael Vásquez, jornalista de *El Tiempo*, o maior jornal da Colômbia”⁹; “A divulgação da reportagem em uma revista [*Cambio*] tida como ligada ao presidente Álvaro Uribe e cuja linha editorial é definida pelo irmão do ministro da Defesa colombiano, Juan Manuel Santos, causou ‘estranheza’ entre assessores do Planalto”¹⁰. De fato, os colombianos *El Tiempo* e *Cambio*, além do jornal *Hoy*, indicados como fonte no *Estadão*, estão identificados com o projeto político colombiano, logo, ao cenário da informação correspondente (BORRAT, 1989). Estes veículos integram o conglomerado *Casa Editorial El Tiempo*¹¹.

Além dos impressos colombianos, participam da rede informativa de *O Estado de S. Paulo*, mas com menos frequência, o espanhol *El País*, o argentino *Clarín* e o estadunidense *New York Times* (duas ocorrências cada em 72 textos); os estadunidenses *Washington Post* e *The Wall Street Journal*, os franceses *Le Monde* e *Le Figaro*, os chilenos *El Mercurio* e *La Tercera*, o argentino *Página 12*, além do *Grupo de Diários América* (uma ocorrência cada).

Entre as revistas, a já citada *Cambio* aparece em quatro relatos, seguida da também colombiana *Semana*, da estadunidense *Newsweek* e da brasileira *Carta Capital*. Esta última é empregada pelo *Estadão* como recurso de arquivo, uma vez que recupera informação de uma edição de julho de 2003, sinalizando este uso no texto.

Quanto às emissoras de rádio, uma vez mais a preferência é por colombianas. *Radio Cadena Nacional* (RCN), *Caracol* e *W Radio* são as rádios-fonte do *Estadão*. Além destas, com uma ocorrência cada, aparecem a francesa *Europe 1* e *Suisse Romande* (ambas em relação à libertação de Ingrid Betancourt) e indicações não diretas a “uma

8 - A designação América Platina e Andina deriva de um recorte regional que tem na sua espacialidade e territorialidade a dimensão do histórico. Tanto a macro quanto a micro-história, o nacional e o internacional, o local e o global, se encontram nas relações e práticas socioculturais vivenciadas e produzidas nestes espaços (NUÑES et al, 2010).

9 - LAMEIRINHAS, Roberto. Farc recusam-se a libertar Ingrid sem que Bogotá solte guerrilheiros. *Estado*, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41807, p. A16, 4 abr. 2008.

10 - MONTEIRO, Tânia; ROSA, Vera. Brasília desmente vínculos de Celso Amorim com guerrilha. *Estado*, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41926, p. A14, 1 ago. 2008.

11 - Fundado em 1911 por Alfonso Villegas Restrepo, *El Tiempo* passou dois anos mais tarde para Eduardo Santos Montejó, que viria a ser presidente da Colômbia (1938-1942). O jornal segue nas mãos da família Santos, de jornalistas e políticos, como Juan Manuel Santos, atual presidente da Colômbia e ministro da Defesa do governo Álvaro Uribe; Francisco Santos, vice-presidente no governo Uribe (2002-2010), ex-chefe de redação de *El Tiempo*, sequestrado pelo cartel de Pablo Escobar nos anos 1990; Enrique Santos Castillo (pai do atual presidente), editor do jornal por cinco décadas; Enrique Santos Calderón (irmão do atual presidente), ex-diretor e ex-colunista de *El Tiempo* e ex-presidente da *Sociedad Interamericana de Prensa*.

rádio suíça¹², “uma rádio colombiana e outra peruana¹³” e “uma emissora do Exército¹⁴”.

Os canais de televisão colombianos são os que mais aparecem como fonte. São eles a *RCN*, a *Cable Noticias* e a *Caracol TV*. São referidos, ainda, a britânica *BBC*, a brasileira *Rede Globo*, a venezuelana *VTV* e o consórcio latino-americano *Telesur*. Como mencionado anteriormente, o único meio de comunicação equatoriano indicado como fonte no período em análise é o *Canal Uno TV*. Ao valer-se de aspas para citar a declaração de uma fonte governamental do Equador, o *Estadão* teve de indicar a origem da informação referida, a emissora equatoriana¹⁵. Tal uso é recorrente no *corpus* em análise.

Agências de notícias integram a rede informativa acessada pelo jornal brasileiro no processo de atribuir sentidos ao 1M, e aos relatos que o atualizam. Elas estão presentes ora no encerramento das matérias, como um indicativo implícito de “assinatura” da informação, dividindo algumas vezes o espaço com os repórteres do próprio *Estadão*, ora citadas nos textos. A análise se deteve neste último uso por duas razões: a) no interior das matérias há espaço para as agências regionais figurarem como fonte, no caso, a *Agencia de Noticias Nueva Colombia* (Anncol) e a *Agencia Bolivariana de Noticias* (ABN); e b) os motivos que levam ao deslocamento das agências transnacionais do “fechamento” do texto para o seu interior.

Não sem prejuízo as agências regionais compõem o discurso do *Estadão*. Isto porque às agências mencionadas, para além da informação que delas extrai, o jornal atribui um vínculo com as Farc, como nos exemplos: “O segundo mau sinal das Farc veio por meio de uma mensagem enviada à agência de notícias *Anncol*, ligada à guerrilha¹⁶”; “No texto do comunicado [das Farc], divulgado no site *Agência Bolivariana de Notícias*, a guerrilha reitera¹⁷”.

Às agências transnacionais o *Estadão* confere um protagonismo no acesso a determinadas fontes e dados. No exemplo a seguir, que impulsionou novo “capítulo” na crise Colômbia-Ecuador, a *Associated Press* figura no interior e na conclusão do texto:

Um vídeo de uma hora de duração recuperado pela polícia colombiana parece *confirmar* laços entre as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e o presidente do Equador, Rafael Correa [...]. No vídeo, obtido pela agência de notícias *Associated Press*, Mono Jojoy afirma que documentos da guerrilha, apreendidos após a morte de Raúl Reyes em ofensiva militar da Colômbia em território equatoriano no ano passado, *revelaram* os ‘segredos’ das Farc. Entre esses segredos estaria a ‘assistência em dólares para a campanha de Correa e o encontro com alguns representantes’¹⁸.

12 - NETTO, Andrei. Para Ingrid, resgate não foi encenação do Exército. *Estado*, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41899, p. A23, 5 jul. 2008.

13 - FRANÇA afirma agora que Ingrid ‘não está tão mal’. *Estado*, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41811, p. A15, 8 abr. 2008.

14 - “VOLTEI de uma viagem à pré-história”. *Estado*, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41897, p. A13, 3 jul. 2008.

15 - “disse Carvajal [Miguel Carvajal, vice-ministro de Defesa do Equador] à TV equatoriana Canal Uno”. In: MINISTÉRIO de Defesa do Equador descarta possibilidade de golpe. *Estado*, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41814, p. A16, 11 abr. 2008.

16 - LAMEIRINHAS, Roberto. Farc recusam-se a libertar Ingrid sem que Bogotá solte guerrilheiros. *Estado*, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41807, p. A16, 4 abr. 2008.

17 - FARC acusam guerrilheiros de traição. *Estado*, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41906, p. A18, 12 jul. 2008.

18 - FARC ajudaram campanha de Correa, indica vídeo. *Estado*, Caderno A, São Paulo, ano 130, n. 42277, p. A14, 18 jul. 2009.

Em outro exemplo, o fechamento da matéria é compartilhado pela francesa AFP, a estadunidense AP e a espanhola EFE, enquanto apenas à primeira é atribuída a origem da informação apresentada no texto: “Segundo versões obtidas pela agência France Presse na zona fronteiriça”¹⁹. Em outros textos, as agências são situadas como intermediárias entre jornais e fontes – “fontes da inteligência colombiana citadas pela *Associated Press*”, “militares afirmaram à *Reuters*” ou “fontes do Ministério da Defesa da Colômbia ouvidas pela *EFE*” – e, em alguns casos, compartilham o lugar de “informadores” com os jornalistas do *Estadão*. Como é possível constatar, este recurso é empregado ao conjunto de meios-fonte estrangeiros e nacionais que compõem a rede informativa do jornal na produção do 1M.

Importante acrescentar que, quanto à natureza das fontes, os meios de comunicação em geral aparecem como fontes secundárias ou documentais, auxiliares na preparação de uma pauta. Tal perspectiva está presente em livros para o ensino do jornalismo (ERBOLATO, 2001; LAGE, 2009; MEDINA, 2003), assim como em manuais de redação. O do *Estadão*, por exemplo, trata do emprego de jornais e revistas como fonte no tópico “Ética Interna” e prescreve: “Sempre que fizer referência à notícia publicada em outro jornal ou revista, escreva claramente qual foi o órgão que a divulgou [...]. O leitor tem o direito de saber qual é a publicação mencionada, até mesmo para procurar a informação na própria fonte que a divulgou (MARTINS, 1997, p. 118-119).

O Manual de Redação da *Folha de S. Paulo* (2001, p. 38), outro jornal de referência, em direção oposta ao *Estadão*, normatiza que um jornal não pode ser fonte exclusiva de outro para uma informação. Já *El Tiempo*, que figura como fonte em *O Estado de S. Paulo*, considera “inmoral apropiarse de una noticia de paternidad ajena o de textos o imágenes que no sean propios”, prescrevendo que “la redacción debe hacerse de tal manera que el lector entienda con facilidad qué material pertenece a la fuente y cuál corresponde al autor de la información” (MANUAL, 2005, p. 26-27).

Mais que fonte, é preciso ocupar-se do outro meio

Os protocolos que envolvem o contrato entre jornalistas e fontes ganham, em certa medida, contornos outros, quando estas últimas são meios jornalísticos. Além de um uso indireto, auxiliar na produção de conteúdos, e um uso direto, indicado no relato jornalístico como fonte – que, juntos, permitem *saber* o que os outros disseram e *falar* do que os outros falaram –, o jornalismo tem se ocupado dos outros meios e de sua atuação frente aos acontecimentos.

Alguns usos que *O Estado de S. Paulo* faz do jornal colombiano *El Tiempo* – o veículo mais vezes indicado como fonte na construção discursiva do 1M ao longo de 18 meses –, trazem elementos para pensar, no contexto do estudo, as relações entre os meios e suas redes informativas. O exemplo a seguir também é indicativo do protagonismo assumido pelo jornalismo perante outros atores sociais.

19 - VENEZUELA: ferido não é líder das Farc. *Estado*, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41784, p. A14, 12 mar. 2008.

O governo do presidente equatoriano, Rafael Correa, exige o fim do que chamou de ‘*campanha midiática*’ contra seu governo [...]. A declaração foi feita pelo ministro equatoriano de Segurança, Gustavo Larrea, que teve *uma suposta foto* sua com um líder das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) *publicada pelo jornal colombiano El Tiempo* [...]. *El Tiempo* assegurava em sua página na internet que a foto era de uma reunião entre Larrea e Reyes. De acordo com o jornal, a foto havia sido encontrada no computador pessoal de Reyes.²⁰

O Estado de S. Paulo revela o papel de *El Tiempo* no acirramento da crise diplomática entre Colômbia e Equador a partir de uma produção jornalística que incide sobre outras esferas. E mais, segue o desdobramento do fato, registrando que:

O jornal colombiano *El Tiempo* *pediu ontem desculpas ao governo do Equador* por ter afirmado erroneamente que o homem que aparece numa foto com o líder guerrilheiro colombiano Raúl Reyes seria o ministro equatoriano da Segurança, Gustavo Larrea. ‘*Este jornal falhou em seus procedimentos de verificação* (...) e falhou ao não atribuir claramente a informação à sua fonte’, afirmou *El Tiempo* em editorial, no qual diz que a foto foi entregue pela Polícia Nacional. A polícia nega.²¹

Constata-se por tal recorte que além de acompanhar o conflito entre os vizinhos latino-americanos, que também envolve os *media* daqueles países, *O Estado de S. Paulo* verifica como o jornal, que lhe serve prioritamente como fonte para esta temática, movimentava-se em meio ao conflito.

Estudo conjunto do *Laboratorio de Medios*, da *Universidad de las Américas*, do Equador, e da *Facultad de Comunicación*, da *Universidad Javeriana*, de Bogotá, sobre o 1M em jornais colombianos e equatorianos, concluiu que o jornalismo de ambos os países figura como ator do conflito em alguns momentos²², como no exemplo expresso anteriormente. Com base na produção jornalística de março de 2008, o estudo identificou certo grau de dependência entre os meios colombianos e equatorianos: em meio ao conflito 1M, o jornalismo de um país serviu de fonte ao jornalismo do outro, quer pelas informações, quer por suas declarações, ou por incorreções de conteúdo.

Considerações finais

Ao relatar o acontecimento, os meios o tornam “visível” pela construção que operam. A essa capacidade dos meios de comunicação de “construir” os conflitos (CASTEL, 2007) que já existiam, porém apenas para os atores neles implicados, insinua-se uma rede

20 - QUITO endurece posição em relação a Bogotá. *Estado*, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41790, p. A10, 18 mar. 2008.

21 - ‘EL TIEMPO’ pede desculpa a Quito. *Estado*, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41791, p. A13, 19 mar. 2008.

22 - Segundo Checa Montúfar (2008), o discurso jornalístico passou a ser construído a partir de fontes oficiais governamentais e militares, favoráveis a cada um dos países, sem se preocupar com o equilíbrio ou o contraste das informações; em um jornalismo de declarações, oriundas destas mesmas fontes oficiais; em especulações e inverdades (a partir de “supostas” provas extraídas dos “supostos” computadores de Reyes); em informações que não contrastam as declarações; em um patriotismo e em um alinhamento ao poder político e a seu discurso. Consultar também: Ramírez e Montúfar (2007).

informativa que corrobora para escolhas de toda ordem: dos fatos que serão noticiados, das fontes, dos enquadramentos. A rede informativa é o lugar do confronto e autonomia (mesmo que relativa), pois é no seu interior que ocorrem embates e negociações no âmbito do discursivo entre os agentes sociais envolvidos. É este *enjeu* entre jornalistas e fontes, ou entre o que se revela e o que se esconde, que amplia os sentidos possíveis de figurarem na atualidade jornalística.

Os jornais de referência participam destas redes informativas e sua presença se dá ou como lugar de verificação de dados e identificação de novas fontes, ou como fonte, na acepção do termo. É na contramão de um possível alargamento de sentidos que deriva do par jornalista-fonte – apresentado por um nome próprio ou da instituição a que pertence ou pelo anonimato –, entretanto, que se identifica no jornalismo a indicação de outros meios de comunicação como origem da informação referida, muitas vezes única.

A investigação exploratória que dá suporte a este trabalho identificou que à inegável liderança das fontes oficiais na cobertura do 1M soma-se a recorrente presença de meios-fonte no jornal *O Estado de S. Paulo*. Daí o desafio de analisar as implicações do emprego de outros jornais, revistas, rádios, TVs e agências como fontes na produção jornalística. Pela análise desenvolvida, verifica-se que o emprego de meios-fonte implica pontos díspares, logo conflitantes:

a) Cabe a cada meio conhecer os lugares, organizações e tópicos específicos sobre os quais estende sua cobertura. “O conhecimento do país faz as fontes serem mais diversas e plurais e, portanto, a visão do conflito pode ser mais contrastada” (CASTEL, 2007, p. 51 [tradução minha])²³. Ao informar, o jornalista tem em conta os objetivos e os interesses do meio no qual trabalha e as ligações deste com a ambiência social da qual faz parte. Logo, os sentidos aferidos a um acontecimento são marcados por estas relações e ao deslocá-los de um meio para outro, desloca-se também interesses organizacionais e visões de mundo.

b) Na produção da atualidade jornalística, a ausência do jornalista – que não está em todos os lugares – é subsumida pela presença da fonte e, por contrato, a ausência torna-se presença. Como já sublinhado, todavia, a relação entre jornalistas e fontes é complexa pelo fato de que há sentidos em disputa. Ainda, os jornais concedem mais protagonismo a determinados fornecedores de informação do que a outros e não dão voz, quase nunca, a alguns. Logo, os fatos noticiáveis acabam formulados desde a perspectiva destes conflitos, o da disputa por sentidos e o que autoriza uns, e não outros, a falar. Assim, o emprego de meios-fonte traz, no seu interior, relações conflituosas anteriormente processadas, da ordem da formulação de cada jornal, de cada emissora de rádio ou televisão.

23 - “El coneixement del país fa que les fonts siguin més diverses i plurals, é per tant, la visió del conflicte pot ser més contrastada” (CASTEL, 2007, p. 51).

c) Cada meio formula discursivamente sua atualidade a partir de seu mapa de interesses. A escolha de meios-fonte traz, por vezes de forma inseparável, posições, relações e interesses “insinuados” pelos meios e responsáveis pela recolha de determinados acontecimentos e sob certos enfoques, em negação a outros fatos e leituras possíveis. Logo, os relatos de cada meio são marcados por processualidades que lhe são próprias e o uso desses relatos por outros insinua que as operações estão voltadas para o interior dos próprios sistemas, como uma espécie de circulação no nível da produção. Talvez o emprego de formulações originadas em outro meio ocorra porque, tacitamente, há entre eles um trato de reciprocidade, seja dos interesses ou lógicas editoriais, seja dos relatos, seja de escolha dos acontecimentos ou de significação dos fatos. Ou, ainda, uns citam aos outros como partes de uma imprensa de referência internacional e como compartilhadores de crenças e ideias.

d) Por fim, o emprego de meios-fonte pode ser pensado pela redução ou supressão da possibilidade de produzir novas informações ou contornos diferentes aos acontecimentos, haja vista que o círculo que pode vir a ser formado dificultará a renovação dos ângulos de abordagem, dado que o jornal A, fala a partir do B que, direta ou indiretamente, pautou-se pelo C.

Como já referido, no entanto, o emprego de meios-fonte pode dar-se em outra perspectiva, a de tomá-lo para si e além de acompanhar o desenrolar dos acontecimentos no seu interior, atentar para o que ocorre com o meio no interior do acontecimento. A *imprensa falar da imprensa* pode revelar as afetações entre os meios, especialmente de suas processualidades; indicar formas de interação e diálogo entre os meios ou a conexão das redes informativas no interior do sistema comunicacional; pode, ainda, apontar para informações relativas ao próprio sistema jornalístico.

Referências

- BAHIA, J. (2009). *Jornal, história e técnica*. As técnicas do jornalismo. v.2. 5. ed. São Paulo: Mauad.
- BERGER, C. (2003). *Campos em Confronto: a terra e o texto*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.
- BERGER, C.; MAROCCO, B. (2009). Fonte. In: MARCONDES FILHO, C. (Org.). *Dicionário da Comunicação*. São Paulo: Paulus, p. 142-143.
- BORRAT, H. (1989). *El Periódico, actor político*. Barcelona: Gustavo Gili.
- BOURDIEU, P. (1997). *Sobre a televisão*. A influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- CASTEL, A. (2007). *Anàlisi de la informació sobre els conflictes de l'Àfrica subsahariana a la premsa espanyola (1992-1998)*. Estudi de tres casos significatius: Somàlia, Rwanda i República Democràtica del Congo. Tesi (doctorat). Universitat Autònoma de Barcelona, Facultat de Ciències de la Comunicació, Departament de Periodism i Ciències de la Comunicació, Barcelona.

- CHECA MONTÚFAR, F. (2008). *De Angostura a las computadoras de Uribe*: prensa escrita y crisis de marzo. Quito: Ediciones Abya-Yala, UDLA.
- DENT, C. (2008). 'Journalists are the confessors of the public', says one Foucaultian. *Journalism*, v. 9, n. 2, p. 200-219.
- ECO, U. (1998). *Cinco escritos morais*. Rio de Janeiro: Record.
- ERBOLATO, M. (2001). *Técnicas de codificação em jornalismo*. Petrópolis: Vozes.
- ERICSON, R. et al. (1987). *Visualizing deviance: a study of news organization*. Toronto: University of Toronto Press.
- FOUCAULT, M. (2006). *A ordem do discurso*. 14.ed. São Paulo: Edições Loyola.
- FISHMAN, M. (1983). *La Fabricación de la noticia*. Buenos Aires: Tres Tiempos.
- LAGE, N. (2009). *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record.
- MANUAL de Redação: Folha de S. Paulo. (2001). 2. ed. São Paulo: Publifolha.
- MANUAL de Redacción El Tiempo. (2005). 7. ed. Bogotá: Casa Editorial El Tiempo.
- MAROCCHO, B.; BERGER, C. (2008). Sobre Madeleine, os pais de Madeleine e os jornais. In: Colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação, I, 2008, Natal. *Anais...* Natal.
- MARTINS, E. (1997). *Manual de Redação e Estilo O Estado de S. Paulo*. 3. ed. São Paulo: Moderna.
- MEDINA, C. (2003). *Notícia, um produto à venda*. São Paulo: Summus.
- MERRILL, J. (1991). La comunidad periodística de la razón. *El País*, Espanha, 13 out. 1991. Disponível em: <<http://www.elpais.com>>.
- >. Acesso em: out. 2009.
- MOLINA, M. (2007). *Os melhores jornais do mundo: uma visão da imprensa internacional*. São Paulo: Globo.
- NUÑES, A.; PADOIN, M.; OLIVEIRA, T. (Orgs.). (2010). *Dilemas e diálogos platinos*. Dourados, MS: Ed. UFGD. 2v.
- RAMÍREZ, S.; MONTÚFAR, C. (Org.). (2007). *Colombia-Ecuador: cercanos y distantes*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia; Instituto de Estudios Políticos y Relaciones Internacionales; Universidad Andina Simón Bolívar.
- ROSA, G. P. (2006). *A Quercus nas notícias: a consolidação de uma fonte não oficial nas notícias de ambiente*. Porto: Porto Editora.
- SANTOS, R. (1997). *A negociação entre jornalistas e fontes*. Coimbra: Minerva, 1997.
- _____. (2006). *Jornalistas e fontes de informação. A sua relação na perspectiva da sociologia do jornalismo*. 2.ed. Coimbra: Minerva.
- SOSTER, D. (2009). A reconfiguração do jornalismo na primeira década do século XXI. *Ícone*, Pernambuco, v. 11, n. 2, p. 1-18, dez. 2009.
- STEINBERGER, M. (2005). *Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: EDUC; Fapesp; Cortez.
- TUCHMAN, G. (1983). *La Producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona: Gustavo Gili.

VIDAL BENEYTO, J. (1986). El espacio publico de referencia dominante. In: IMBERT, G.; VIDAL BENEYTO, J. (Coord.). *El País o la referencia dominante*. Barcelona: Editorial Mitre, p.17-24.

Angela Zamin é jornalista e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. É bolsista CNPq e integrante do Grupo de Pesquisa Estudos em Jornalismo.

angelazamin@gmail.com

*Artigo recebido em agosto
e aprovado em outubro de 2011*